

AS  
COSTUREIRAS  
DE  
AUSCHWITZ  
Lucy Adlington

Tradução  
José Mário Silva

CRÍTICA

Dedicado às costureiras e suas famílias



# Índice

Introdução .....	11
1. Uma das poucas que sobreviveram .....	17
2. O único verdadeiro poder .....	40
3. O que fazer a seguir, como continuar? .....	66
4. A estrela amarela .....	98
5. O acolhimento habitual .....	122
6. Tu queres continuar viva .....	148
7. Quero viver aqui até morrer .....	184
8. De entre dez mil mulheres .....	211
9. Solidariedade e apoio .....	241
10. O ar cheira a papel queimado .....	269
11. Querem que sejamos normais? .....	309
Agradecimentos .....	331
Créditos das imagens .....	333
Bibliografia .....	337
Notas sobre as fontes .....	345
Índice remissivo .....	381



## Introdução

«Como poderíamos acreditar naquilo?»

Estas são algumas das primeiras palavras que a senhora Kohút me dirige, assim que me convida para sua casa, onde fico impressionada com o ambiente familiar e acolhedor. Aqui está ela, uma mulher pequena e luminosa, vestindo calças largas, blusa e um colar de contas. Cabelo curto e branco; batom cor-de-rosa. Ela é a razão pela qual atravessei o mundo, do norte de Inglaterra para uma casa modesta nas colinas, não muito longe da grandiosa cidade de São Francisco, na Califórnia.

Apertamos as mãos. Neste momento, a História torna-se vida real, para lá dos arquivos e das pilhas de livros, dos desenhos de moda e dos tecidos fluidos que costumam ser as minhas fontes históricas para textos e apresentações. Estou a conhecer uma mulher que sobreviveu a um tempo e a um lugar que são hoje sinónimos de horror.

A senhora Kohút está sentada numa mesa coberta por uma toalha de renda e oferece-me *strudel* de maçã caseiro. Os nossos encontros terão, como pano de fundo, livros eruditos misturados com buquês de flores, belos bordados, fotografias de família e peças de cerâmica coloridas. Começámos a primeira entrevista a folhear as revistas de moda dos anos de 1940 que trouxe para lhe mostrar, depois, examinámos um vistoso vestido vermelho do tempo da guerra, que faz parte da minha própria coleção de roupas antigas.

«Um trabalho de boa qualidade», comenta ela, percorrendo com os dedos os ornamentos do vestido. «Muito elegante.»

Fico maravilhada pela forma como as roupas conseguem aproximar as pessoas, através de continentes e gerações. Subjacente ao apreço partilhado por um determinado corte, estilo ou técnica está um facto muito mais significativo: décadas antes, a senhora Kohút manuseou tecidos e peças de vestuário num contexto bem diferente. É a última costureira sobrevivente de um salão de moda instalado no campo de concentração de Auschwitz.

Um salão de moda em Auschwitz? A simples ideia é uma anomalia monstruosa. Fiquei estarelecida quando encontrei, pela primeira vez, uma menção ao «Ateliê de Alta-Costura», como era então chamado, em leituras sobre as ligações entre o Terceiro Reich de Hitler e o negócio da moda, durante a preparação de um livro sobre o comércio global de têxteis nos anos da guerra. É bastante claro que os nazis compreendiam o poder do vestuário enquanto demonstração de uma atitude, como o prova a adoção de uniformes icónicos em comícios monumentais. Os uniformes são um exemplo clássico do uso da roupa para reforçar o orgulho coletivo e a identidade. As políticas económicas e raciais dos nazis propunham-se lucrar com a indústria têxtil, utilizando os rendimentos obtidos através da pilhagem para ajudar a financiar as ações militares.

As mulheres da elite nazi também valorizavam o vestuário. Magda Goebbels, esposa do insidioso ministro da Propaganda de Hitler, era conhecida pela sua elegância e não tinha grandes pruridos em vestir criações judias, apesar da obsessão nazi em eliminar a presença judaica do negócio da moda. Emmy Goering, casada com o *Reichsmarschall* Hermann Goering, usava objetos de luxo espoliados, afirmando a pés juntos não fazer ideia da proveniência desses bens. Eva Braun, a amante de Hitler, adorava a alta-costura, ao ponto de exigir que o seu vestido de casamento fosse transportado através de uma Berlim em chamas, nos dias anteriores ao seu suicídio e à rendição alemã, só para que o pudesse usar enquanto calçava sapatos Ferragamo.<sup>1</sup>

Porém, mesmo assim, um salão de moda em Auschwitz? Um local de trabalho como este condensava valores essenciais do Terceiro Reich: qualidades de privilégio e indulgência, ligadas de perto à pilhagem, à degradação humana e ao assassinio em massa.

O salão de moda de Auschwitz foi estabelecido por Hedwig Höss, nada mais nada menos do que a mulher do comandante do campo. Como se a ligação de um salão de moda a um complexo de extermínio não fosse suficientemente grotesca, a identidade das trabalhadoras acrescenta mais uma camada de perversidade: a maioria das costureiras do salão era judia, a quem tudo foi retirado e que se viu deportada pelos nazis, tendo como horizonte a aniquilação, como parte da Solução Final. Juntaram-se-lhe comunistas não judias vindas da França Ocupada, com guia de marcha para o encarceramento e o extermínio, por causa da sua resistência aos nazis.

Este grupo de mulheres resilientes e escravizadas desenhou, cortou, coseu e embelezou roupas ao serviço de *Frau* Höss e de outras esposas de oficiais das SS, criando belos figurinos para pessoas que as desprezavam e as tratavam como subversivas e sub-humanas: as mulheres de homens ativamente envolvidos na destruição de todos os judeus e de todos os inimigos políticos do regime nazi. Para as costureiras do salão de Auschwitz costurar era uma defesa contra as câmaras de gás e os fornos crematórios.

As costureiras desafiaram as tentativas nazis para as desumanizar e humilhar, ao criarem os mais incríveis laços de amizade e lealdade. Ao mesmo tempo que enfiavam o fio na agulha e as máquinas de costura sussurravam, faziam planos de resistência e até de fuga. Este livro conta a sua história. Não é uma versão ficcionada da realidade. As cenas íntimas e as conversas descritas basearam-se inteiramente em testemunhos, documentos, provas materiais e memórias relatadas a familiares ou diretamente a mim mesma, informação esta confirmada posteriormente por leituras extensivas e consulta de arquivos.

Muito depois de ter sabido da existência de um tal salão de moda, iniciei uma investigação mais profunda, apenas com alguns factos básicos e uma lista incompleta de nomes – *Irene, Renée, Bracha, Katka,*



*Hunya, Mimi, Mancini, Marta, Olga, Alida, Marilou, Lulu, Baba, Borishka.* Eu quase desistira de encontrar outras, quanto mais conseguir biografias completas das costureiras, quando o romance para jovens adultos que escrevi, centrado numa versão imaginária do ateliê, intitulado *The Red Ribbon (A Fita Vermelha)*, chamou a atenção de várias famílias na Europa, em Israel e na América do Norte. Foi então que chegaram os primeiros *e-mails*:

*A minha tia foi costureira em Auschwitz*

*A minha mãe foi costureira em Auschwitz*

*A minha avó dirigiu o salão de moda em Auschwitz*

Pela primeira vez, tive contactos com as famílias das costureiras originais. Para mim, foi ao mesmo tempo chocante e uma fonte de inspiração começar a descobrir as histórias das suas vidas e dos seus destinos.

Extraordinariamente, uma mulher do grupo de costureiras ainda está viva e bem de saúde, além de disposta a falar – uma testemunha única, que esteve num local que exemplifica as horrendas contradições e crueldades do regime nazi. A senhora Kohút, com 98 anos no momento do nosso encontro, pôs-se a contar histórias antes ainda de lhe fazer quaisquer perguntas. As suas memórias vão desde a imagem de lhe atirarem nozes e doces, em criança, durante a festa judaica dos Tabernáculos, até ao terror de assistir à morte de uma amiga da escola, em Auschwitz, cujo pescoço um soldado das SS esmagou com uma pá, apenas por ter falado enquanto trabalhava.

A senhora Kohút mostra-me fotografias suas do período anterior à guerra, quando era adolescente, com uma bela camisola tricotada, a segurar uma flor de magnólia; depois, uma imagem captada muitos anos após a guerra, em que veste um bonito casaco ao estilo do famoso *New Look* de Christian Dior. Olhando apenas para estas fotos, nunca adivinharíamos o que foi realmente a sua vida nos anos entre estes dois momentos.

Não há fotografias dos seus lancinantes mil dias em Auschwitz. Ela explica-me que em cada um desses mil dias poderia ter morrido em

mil ocasiões. As suas palavras formam imagens à medida que se desloca de uma memória para outra, os dedos roçando as costuras das suas calças, fazendo vincos cada vez mais pronunciados – um pequeno sinal das emoções que vai conseguindo conter. O inglês é a sua quinta língua, refinada durante os muitos anos que passou nos Estados Unidos. Salta facilmente de um idioma para outro, e eu esforço-me para a acompanhar. Tenho papel e caneta à mão para anotar depressa e com abreviaturas, além de uma longa lista de perguntas. A senhora Kohút provoca-me, enquanto me atrapalho a preparar o telemóvel para a gravação de um vídeo.

«Oiça!», ordena-me.

E eu oiço.



## Capítulo 1

### Uma das poucas que sobreviveram

*Após dois anos, vim para o edifício da sede, em Auschwitz, onde trabalhei como costureira na sala de costura para as famílias dos SS. Trabalhava dez a doze horas por dia. Sou uma das poucas que sobreviveram ao inferno de Auschwitz.*

OLGA KOVÁČZ<sup>1</sup>

Um dia como outro qualquer.

Sob a luz que entrava por duas janelas, várias mulheres com lenços brancos na cabeça estavam sentadas junto a compridas mesas de madeira, a coser, inclinadas para os trabalhos em curso, agulhas para cá, agulhas para lá. Uma sala na cave. O céu, por detrás das janelas, não representava a liberdade. Este era o seu refúgio.

Estavam rodeadas por toda a parafernália de um pujante salão de moda; todas as ferramentas do seu ofício. Nas mesas, fitas métricas enroladas, tesouras e carrinhos de linha. Arrumados, mas ao alcance da mão, rolos dos mais variados tipos de tecido. Espalhadas por aqui e por ali, revistas de moda e amostras com diversos padrões. Ao lado do ateliê principal, uma sala de provas privada para as clientes, tudo sob a égide da inteligente e muito competente Marta, que há não muito tempo começara a gerir o seu próprio salão, em Bratislava, com bastante êxito. Borishka era o nome da sua assistente.

As costureiras não trabalhavam em silêncio. Numa algaraviada de línguas – eslovaco, alemão, húngaro, francês, polaco –, conversavam sobre o trabalho, sobre as suas casas, sobre as suas famílias... e chegavam a contar piadas. No fim de contas, a maioria era bastante jovem, ainda na adolescência ou com vinte e poucos anos. A mais nova tinha apenas 14 anos. Chamavam-lhe «Pintainha», porque andava de um lado para o outro no salão, a apanhar alfinetes caídos e a varrer pontas de fio cortadas.

As amigas trabalhavam juntas. Havia a Irene, a Bracha e a Renée, todas de Bratislava, e a irmã de Bracha, Katka, que dava pontos em casacos de lã para as clientes, mesmo quando os seus dedos estavam rígidos por causa do frio. Baba e Lulu eram outras costureiras que se assumiam como amigas chegadas, uma séria, a outra brincalhona. Hunya, já bem entrada nos trintas, revelava-se tanto uma amiga quanto uma figura maternal e uma força com quem se podia contar. Olga, da mesma idade de Hunya, parecia muito mais velha aos olhos das raparigas mais novas.

Eram todas judias.

Trabalhando ao lado delas, estavam duas francesas comunistas, uma criadora de corpetes chamada Alida e uma combatente da Resistência, Marilou, ambas presas e deportadas por se oporem à ocupação nazi do seu país.

No total, vinte e cinco mulheres, agulhas para cá, agulhas para lá. Quando uma delas era chamada e nunca mais reaparecia, Marta encontrava rapidamente uma substituta. Queria que o maior número possível de prisioneiras se juntasse no refúgio da cave. Nesta sala, tinham um nome. Fora do salão, eram seres anónimos, apenas números.

Havia sempre trabalho de sobra para toda a gente. O enorme livro preto das encomendas estava tão cheio que a respetiva lista de espera chegava aos seis meses, mesmo no caso das clientes de estatuto muito elevado em Berlim. A prioridade era dada às clientes locais e à mulher que criara o salão. Hedwig Höss. A esposa do comandante do campo de concentração de Auschwitz.

Certo dia, igual a tantos outros, ouviu-se um grito de consternação vindo da cave e pairou no ar o cheiro desagradável a tecido queimado. Catástrofe. Enquanto alguém engomava um vestido, deu-se o desastre; a marca da queimadura ficava mesmo na frente, não havia forma de a esconder. A cliente viria a uma sessão de provas no dia seguinte. A costureira desajeitada, louca de ansiedade, não parava de chorar: «Que podemos nós fazer? Que podemos nós fazer?»

As outras interromperam o trabalho, sentindo o pânico dela. Não se tratava apenas de uma peça de roupa arruinada. As clientes deste

salão de moda eram esposas de homens bem colocados na hierarquia da guarnição militar das SS, em Auschwitz. Homens conhecidos por espancar, torturar e assassinar em massa. Homens que detinham um controlo total sobre as vidas e os destinos de todas as mulheres naquela sala.

Marta, assumindo o controlo da situação, ponderou calmamente os danos.

«Sabem o que podemos fazer? Retirar isto e acrescentar novo tecido aqui. Vamos lá, rápido...»

Todas se juntaram, lançando mãos à obra.

No dia seguinte, a esposa do oficial das SS chegou à hora combinada. Experimentou o seu novo vestido e olhou, perplexa, para o espelho da sala de provas.

«Não me lembro de o vestido ser assim.»

«Claro que era», respondeu Marta, com voz suave. «Não lhe assenta mesmo bem? É a última moda...»<sup>2</sup>

Calamidade evitada. Por enquanto.

As costureiras voltaram ao trabalho, agulhas para cá, agulhas para lá, e assim viveram para ver mais um dia enquanto prisioneiras de Auschwitz.

As forças que convergiram para criar um salão de moda em Auschwitz foram as mesmas que moldaram e fraturaram a existência das mulheres que acabaram por aí trabalhar. Duas décadas antes, quando as costureiras eram raparigas ou apenas crianças, não poderiam imaginar como os seus destinos as conduziriam para um lugar daqueles. Mesmo os adultos teriam muita dificuldade em aceitar a ideia de um futuro em que fosse possível costurar no meio de um genocídio levado a cabo numa escala industrial.

O mundo é muito pequeno quando somos crianças, porém rico em detalhes e sensações. A comichão provocada pelo contacto da lã com a pele, a falta de jeito dos dedos frios a lidar com botões teimosos, o fascínio dos fios que saem de um rasgão nas calças, ao nível do joelho. O nosso horizonte começa por ser limitado pelas paredes da casa onde

vivemos, depois amplia-se até às esquinas da rua, aos campos, às florestas, às paisagens urbanas. Não há forma de prever o que acontecerá no futuro. Com o tempo, memórias e recordações são tudo o que restará dos anos perdidos.



*Irene Reichenberg em criança.*

Um dos rostos que me espreita do passado é o de Irene Reichenberg em criança, numa fotografia não datada. As suas feições são um clarão pálido entre sombras; as suas roupas, indistintas. As bochechas arredondam-se num sorriso hesitante, como se temessem revelar demasiada emoção.

Irene nasceu a 23 de abril de 1922, em Bratislava, uma bela cidade checoslovaca nas margens do rio Danúbio, a pouco mais de uma hora de Viena. Num censo realizado três anos antes, a população da cidade era descrita como uma mescla de alemães, eslovacos e húngaros. Desde 1918, as várias etnias estavam sob o controlo político do novo Estado checoslovaco, mas a comunidade judaica, composta por cerca de 15 mil pessoas, ocupava um bairro em particular, poucos minutos a pé da margem norte do Danúbio.

O eixo principal do bairro judeu era a *Judengasse*, ou *Židovská ulica* – a rua dos Judeus. Antes de 1840, os judeus haviam sido segregados para

esta única rua inclinada de Bratislava, circunscrita aos terrenos do castelo local. À noite, os portões de cada uma das extremidades eram trancados por funcionários municipais, criando, na prática, um gueto, o que tornava claro que os judeus deviam ser postos à margem dos outros habitantes de Bratislava.

Nas décadas seguintes, as leis antisemitas foram sendo aliviadas, o que permitiu às famílias judias mais prósperas a liberdade de circular fora da rua, até ao centro da cidade. Os outrora orgulhosos edifícios da rua Židovská foram subdivididos em apartamentos minúsculos que albergavam famílias numerosas. Embora a zona tivesse fama de ser barata e pouco recomendável, as suas ruas calcetadas eram mantidas impecavelmente limpas, e as lojas e oficinas tinham muita procura. Era uma comunidade unida e solidária. Toda a gente conhecia toda a gente. E sabiam sempre o que os outros andavam a fazer. Os residentes partilhavam um forte sentido de pertença.

*Foi o tempo mais feliz da minha vida. Nasci ali, cresci ali e ali vivia com a minha família.*

IRENE REICHENBERG<sup>3</sup>

A rua Židovská era um lugar maravilhoso para as crianças, que entravam e saíam das casas dos amigos, ocupando depois a estrada e os passeios com os seus jogos. A casa de Irene ficava no número 18, no segundo andar de um edifício de esquina. Havia oito crianças Reichenberg. Como acontece em todas as grandes famílias, os irmãos criavam diferentes alianças e lealdades, bem como uma certa distância entre os mais velhos e os mais novos. Armin, um dos irmãos de Irene, trabalhava numa loja de doces. Acabaria por se mudar para o Protetorado Britânico da Palestina, o que o poupou ao trauma do Holocausto. O seu outro irmão, Laci Reichenberg, trabalhava numa companhia judia de venda por atacado de têxteis. Era casado com uma jovem eslovaca chamada Turulka Fuchs.

Durante os primeiros anos de vida de Irene, ninguém da sua família pensava na guerra. Havia a esperança de que todo o horror tivesse sido



superado com o armistício de 1918 e o nascimento de um novo país, a Checoslováquia, onde os judeus eram cidadãos. Irene era demasiado pequena para apreciar o mundo exterior ao bairro judeu. O seu caminho, como o da maior parte das raparigas daquele tempo, consistia em tornar-se proficiente no trabalho doméstico, tendo em vista o casamento e a maternidade, seguindo o exemplo das suas irmãs mais velhas. Katarina, conhecida como Käthe, era cortejada por um jovem bem-parecido chamado Leo Kohn; Jolanda – Jolli – casou com o electricista Bela Grotter, em 1937; Frieda foi a seguinte a casar, tornando-se Frieda Federweiss, deixando em casa dos pais apenas Irene, Edith e Grete.<sup>4</sup>

O sustento financeiro da grande família recaía no pai de Irene, Shmuel Reichenberg. Shmuel era sapateiro, um dos muitos artesãos da rua Židovská. A perícia e a pobreza dos sapateiros ficaram imortalizadas em contos de fadas. E havia realmente uma espécie de magia no modo como Shmuel cortava e moldava peças maleáveis de couro numa forma de madeira, criava costuras com fio encerado e martelava cada prego com extremo cuidado, inclinando-se sobre o seu trabalho das sete da manhã até noite dentro, tudo sem a ajuda de máquinas. Não havia muito dinheiro e as vendas eram incertas. Para muitos residentes da rua Židovská, sapatos novos ou até simples remendos eram um verdadeiro luxo. O duro período entreguerras viu as pessoas mais pobres ficarem descalças ou a manterem o seu calçado a desfazer-se amarrado com trapos.

Se o pai de Irene era o ganha-pão, a sua mãe, Tzvia – Cecilia –, era quem fazia literalmente o pão e unia as pontas no lar. O seu dia de trabalho prolongava-se ainda mais do que o do marido. A lida doméstica era duríssima, sem máquinas nem criadas para ajudar, só com o auxílio das filhas. Ano sim, ano não, Tzvia engravidava, o que significava cozinhar mais, lavar mais roupa, limpar mais. Apesar da família extensa e do rendimento diminuto, Tzvia fazia o melhor que lhe era possível para que cada criança se sentisse especial. Certa vez, a pequena Irene recebeu um miminho de aniversário: um ovo cozido só para ela. Ficou encantada, e os seus amigos da rua Židovská também ouviram falar da surpresa.

Neste grupo de amigos especiais havia uma rapariga de uma família judia ortodoxa – Renée Ungar. O pai de Renée era rabi; a mãe, dona de casa. Um ano mais velha do que a amiga, Renée mostrava-se muito mais arrojada do que a tranquila Irene.<sup>5</sup> Um retrato seu, de 1939, exibea com um ar inteligente e calmo, compensado pelos pompons de duas cores que pendiam de um colarinho à Peter Pan.



*Renée Ungar em 1939.*

Uma década antes de esta fotografia ter sido tirada, Irene, então com sete anos, ganhou uma nova companheira de brincadeiras que se tornou uma amiga para a vida, e uma corajosa aliada durante o período mais difícil da sua existência.

Essa amiga era Bracha Berkovič.

*Tivemos bons tempos ali.*

BRACHA BERKOVIČ

Bracha era uma rapariga do campo, nascida na aldeia de Čepa, nas terras altas da Ruténia Cárpata. Longe dos centros industriais, esta parte da Checoslováquia, no período entreguerras, era essencialmente uma zona agrícola. Cidades rurais e aldeias distinguiam-se pelos seus padrões

linguísticos próprios e costumes, e até pelo tipo de desenhos dos seus bordados.

A paisagem da infância de Bracha era dominada pelas aparentemente intermináveis cordilheiras das montanhas Tatra, em cujos sopés se estendiam campos de trevo, centeio, cevada e beterraba. Nesses campos trabalhavam grupos de jovens mulheres, envergando blusas com mangas largas, grandes saias de pregas e lenços coloridos. Raparigas tomavam conta de bandos de gansos; camponesas cavavam a terra, respigavam e colhiam. O verão era a época em que se vestiam roupas de algodão e cores mais claras – padrões de xadrez, primaveris ou com listas. O inverno exigia tecidos pesados e lãs. As roupas eram escuras, em contraste com a neve. Xailes quentes, com franjas, eram enrolados em volta da cabeça e apertados por baixo do queixo, ou então junto à nuca. Bordados floridos brilhavam nos punhos e nas costuras das mangas.

Anos mais tarde, a vida de Bracha ficou ligada ao vestuário e, por coincidência, essa ligação começou assim que nasceu. A mãe, Karolína, teve de continuar o labor de lavadeira até muito tarde durante a gravidez. Na Carpátia rural, a primeira luz da madrugada via mulheres a carregarem pilhas de roupa à cabeça até ao rio, onde trabalhavam descalças, na água fria, enquanto as crianças brincavam na margem. Outras lavagens eram feitas em casa, grandes barreiras em selhas, esfregando as peças no tanque, torcendo-as com as mãos gretadas, depois pendurando-as no estendal, a secar. Num dia frio e chuvoso, a mãe de Bracha, Karolína, estava a subir uma escada para pendurar roupa pesada debaixo do beiral, quando sentiu as primeiras contrações. Estávamos a 8 de novembro de 1921. Karolína só tinha 19 anos. Era o seu primeiro bebé.<sup>6</sup>

Bracha nasceu na casa dos avós. Embora fosse pequena e apertada, com um único forno de barro para aquecimento e uma bomba para tirar água, Bracha recordava a sua infância como um tempo paradisíaco.<sup>7</sup>

O amor familiar estava no centro das suas memórias felizes, apesar de algumas inevitáveis tensões.<sup>8</sup> O casamento dos pais fora arranjado por um casamenteiro local – um costume bastante vulgar naquele tempo, na Europa de Leste – e revelou-se uma parceria de sucesso entre duas pessoas conscienciosas e capazes. Salomon Berkovič, surdo-mudo de

nascença, estava destinado à irmã mais velha de Karolína, mas foi recusado por causa da sua suposta deficiência. Aos 18 anos, Karolína não se importou de ficar com o que a irmã desdenhara, tentada por visões de si mesma na pele de uma noiva vestida de branco.

*Todos fizeram o melhor que podiam em circunstâncias muito difíceis e penosas.*

BRACHA BERKOVIČ

Após o casamento de Karolína com Salomon, os novos bebês foram aparecendo quase de rajada. A seguir ao súbito parto de Bracha, naquele dia de lavar roupa, vieram Emil, Katarina, Irene e Moritz. A pequena casa estava tão cheia que Katarina – conhecida como Katka – foi viver com a tia Genia, que não tinha filhos, até fazer seis anos. Embora Bracha se sentisse mais próxima da irmã mais nova, Irene, houve laços inquebráveis entre Bracha e Katka que se teceram quando as duas foram transportadas juntas para Auschwitz. A lealdade entre irmãs garantiu que partilhassem o mesmo destino no Ateliê de Alta-Costura.<sup>9</sup>

O mundo da infância de Bracha incluía sentir o aroma do pão *challah* no Sabat, apreciar as bolachas *matzo* cobertas de açúcar cristalizado e comer maçãs assadas com a tia Serena, numa casa cheia de bibelôs e naperons. Foi a costura que expandiu pela primeira vez os horizontes de Bracha para lá da vida na aldeia. Mais precisamente, o trabalho de alfaiate.

Salomon Berkovič era um alfaiate muitíssimo talentoso, bom o suficiente para encontrar trabalho numa empresa de topo chamada Pokorný, em Bratislava. A sua máquina de costura foi transportada de Čepa até à grande cidade, e ele conseguiu, aos poucos, uma clientela fiel, trabalhando a partir de casa, na rua Židovská, com um assistente que o ajudava a fazer alterações e consertos. Por fim, o negócio cresceu ao ponto de ter três funcionários – todos surdos-mudos – e mais um tio de Bracha, chamado Herman, como aprendiz. Todos os anos, Salomon viajava até Budapeste para participar no salão em que eram apresentados os mais recentes estilos de roupa masculina.

Em grande parte, o sucesso do seu negócio devia-se à ajuda incansável de Karolína, que o acompanhou a Bratislava para servir de intermediária no contacto com os clientes e ajudar nas medições e nos ajustes. Determinada a não ser deixada para trás, a jovem Bracha chorou tanto que conseguiu persuadir a mãe a deixá-la viajar também para Bratislava.

Era uma viagem de comboio excitante para uma rapariga da aldeia, misturando-se com os outros passageiros e na expectativa do que poderia encontrar à chegada. As informações no comboio estavam em checo, eslovaco, alemão e francês, sublinhando o facto de a Checoslováquia ser um país com muitos povos. As janelas da carruagem davam para uma paisagem em constante mudança. O comboio transportava-a para um deslumbrante novo mundo.

Bratislava era verde, numa abundância de árvores, e exibia uma brilhante arquitetura moderna, revelando ser uma urbe agitada, com muitas pessoas às compras, carrinhos de bebés, cavalos, automóveis e elétricos. No Danúbio, barcaças de transporte, pequenos rebocadores e barcos a vapor com rodas de pás avançavam pelas águas tranquilas. Para Bracha, o apartamento na rua Židovská era um lugar repleto de maravilhas quando comparado com a vida da aldeia em Čepa. Havia água corrente nas torneiras, em vez de baldes que se enchem no poço. No lugar de lâmpadas a óleo, um interruptor permitia ligar ou desligar a luz elétrica. O autoclismo na casa de banho, dentro de casa, era o último dos luxos. Melhor ainda, só a possibilidade de vir a fazer novas amigas. As raparigas que conheceu em Bratislava tornaram-se as suas companheiras durante o pior que os anos da guerra haveriam de trazer.

*Eu gostava de tudo, de tudo, de tudo... Gostava de ir à escola.*

IRENE REICHENBERG

Bracha conheceu Irene Reichenberg na escola. A educação era um pilar essencial na vida judaica, independentemente do estatuto socio-económico de cada família. E Bratislava não tinha falta de escolas e colégios. As roupas usadas numa fotografia de 1930, na escola judaica ortodoxa do bairro, mostram o orgulho que as famílias tinham ao enviar

as suas crianças para a escola, mesmo que isso implicasse uma maior frugalidade em casa. Uma vez que a fotografia em pose era uma ocasião especial, algumas raparigas calçavam meias brancas e sapatos, em contraste com as robustas botas de couro que eram mais adequadas para as brincadeiras infantis. Muitas raparigas surgem com vestidos de linhas simples, fáceis de coser e resistentes; outras apresentam roupa mais chique, com rendas e colarinhos engomados.



*Foto da escola primária dos judeus ortodoxos, 1930. Bracha Berkovič é a segunda a contar da esquerda, na fila do meio.*

É notória a moda dos cabelos curtos, típica dos anos de 1920, bem como as mais tradicionais tranças. Não havia uniformes escolares para meninas, pelo que lhes era permitida alguma margem para seguir as modas. Num ano houve uma loucura por golas esvoaçantes, feitas com tecidos de boa qualidade, cheias de pregas ou folhos. As raparigas rivalizavam entre si para ver quem se mostrava mais espampanante. A vencedora foi uma rapariga chamada Perla, que atraiu a inveja de todas com os seus muitos folhos de rendas sobre delicada musselina. Dias felizes, aqueles.

Na escola primária dos judeus ortodoxos, as aulas eram dadas em alemão, a língua que começava a ser cada vez mais dominante na vida checoslovaca. De início, Bracha teve dificuldade em integrar-se por ser nova na cidade e se sentir mais confortável a falar húngaro ou ídiche;

mas depressa se adaptou, fazendo amizade com Irene e Renée. Todas as raparigas se tornaram multilingues, muitas vezes mudando de uma língua para outra na mesma frase.

Depois das aulas, as crianças do bairro judeu andavam por ruas e escadas, brincando às escondidas, ao gato e ao rato, ao jogo do arco ou simplesmente a mandriar. Durante as férias de verão, por serem demasiado pobres para fazer férias fora da cidade, iam aos magotes para o Danúbio, nadar numa poça pouco funda, junto ao rio, ou passear no parque.

Esses convívios lúdicos não impediram que Bracha sentisse saudades dos seus amigos da aldeia. Com 11 anos, fez a cabeça em água aos pais até conseguir autorização para voltar a Čepa durante o verão. Querendo causar boa impressão, na qualidade de rapariga independente vinda da grande cidade, planeou usar roupa mais fina do que a normalmente utilizada por si em Bratislava e apanhou o comboio toda aperaltada, com o orgulho de fazer a viagem sozinha. Ao vestido bege, dado por uma amiga rica, juntava-se um cinto de couro vermelho, sapatos pretos de verniz e um chapéu de palha com uma fita colorida.

Detalhes destes podem parecer frívolos se olharmos para o contexto mais amplo da guerra e do sofrimento que esta implicou, mas ajudam a fixar uma memória. Permanecem na nossa mente, quando tais liberdades e tal elegância parecem sinais de um mundo que desapareceu.

*Estas são memórias mesmo muito bonitas.*

IRENE REICHENBERG

As melhores roupas eram guardadas para o Sabat e outros dias sagrados. As famílias judias seguiam um padrão ancestral de rituais, das festividades de *Rosh Hashanah*, em que se comem maçãs mergulhadas em mel, ao pão ázimo e ervas amargas no jantar do Seder durante a Páscoa judaica. Nos principais feriados judeus, assistia-se à matança dos gansos engordados, faziam-se pipocas e canja de galinha. Irene adorava o modo como a sua enorme família se juntava em casa para as preces, as bênçãos e todo o entusiasmo de estarem juntos.

No Sabat, as habitações da rua Židovská ficavam perfumadas pelo aroma do pão *challah* – que Bracha gostava de entrançar. A massa era feita em casa e depois transportada para a padaria, em cujos fornos cozia. As mulheres deixavam as casas impecavelmente limpas e envergavam aventais brancos para acender as velas de sexta-feira à noite. Embora o Sabat fosse, por lei, um período sem trabalho – incluindo proibições relativas ao trabalho têxtil, como tingir, fiar ou coser –, havia ainda assim uma família para alimentar. De alguma maneira, a mãe de Bracha ainda encontrava tempo e energia para fazer biscoitos de canela e *topfenknödel*, uma espécie de bolas de coalhada muito populares até em cafés chiques de Viena.

Os casamentos eram, naturalmente, um momento alto na vida familiar. Quando um dos assistentes de Salomon Berkovič anunciou que a sua irmã se ia casar com o tio de Bracha, um sapateiro chamado Jenó, Bracha teve direito a uma rara satisfação: a de comprar um vestido numa loja. Imitando o pai, que estava sempre a passar a ferro no seu ateliê, Bracha decidiu engomar o seu adorável vestido à marinheiro. As preparações do casamento pararam quando toda a gente em casa sentiu o horrível cheiro a queimado: o vestido estava todo chamuscado e bom para deitar fora.

Para a pequena Bracha, ter de vestir algo já usado para o casamento foi uma catástrofe. Anos mais tarde, quando se queimou um vestido na tábua de passar a ferro do salão de moda de Auschwitz, e Marta logo interveio para evitar males maiores, esta memória de infância adquiriu um brilho diferente, bem mais suave. Bracha lembrar-se-ia da noiva do tio Jenó a ser vestida numa sala transformada em país das maravilhas pela música de um gramofone, decorações em papel e lâmpadas que iluminavam uma pequena árvore num vaso. Quando a memória se desvanecia, era forçada a regressar à realidade do Ateliê de Alta-Costura e às exigências das clientes nazis.

*Soubemos desde o primeiro momento que tínhamos de ficar juntos.*

RUDOLF HÖSS